



**PARTIDOS POLÍTICOS COMO CANAIS
DE COMUNICAÇÃO**

**DO FENÔMENO SOCIAL INEVITÁVEL A
ERA DA COMUNICAÇÃO DE MASSA**

Prof. LAURO SODRÉ NETO

O FENÔMENO SOCIAL INEVITÁVEL

Já Maquiavel (1469-1527) identificava a existência de diferentes motivações e comportamentos políticos característicos de grupos sociais distintos, embora não institucionalmente constituídos, que ele denominou posição do povo e posição dos poderosos.

Bolingbroke (1679-1751) defendia a tese de que partidos caracterizados por princípios de interesse geral ainda assim ofereciam o grande perigo de tenderem a se transformar em facções, dominadas por interesses de grupos hegemônicos, sempre nefastos à coletividade nacional.

Montesquieu (1689-1755) condenava as facções políticas, mas admitia dissonâncias que contribuíam para a harmonia geral.

Voltaire (1694-1778) conceituou mais precisamente a facção, de latim facere, fazer, agir, como corrente ou grupamento sedioso e o partido, do latim partere, partir, como uma instituição integrada em um todo maior.

David Hume (1711-1776), elo filosófico e cronológico entre Bolingbroke e Burke, condenava veementemente as facções, mas tolerava os partidos políticos fundamentados em princípios como um mal inevitável.

Sua maior contribuição foi a tipologia dos grupos políticos:

- Pessoais - Universos restritos
- Reais - Grandes universos
 - movidos por interesses
 - movidos por princípios { políticos
 - { religiosos
 - movidos por afeição

Segundo Hume, os princípios políticos são, em geral, lógicos, racionais, enquanto os princípios religiosos são muitas vezes cruéis e odiosos.

Edmund Burke (1729-1797) definiu partido político:

“Partido é um grupo de homens unidos para promover, pela ação conjunta, os interesses nacionais através de algum princípio específico no qual estão de comum acordo.”

A idéia de homens unidos subentende conexão, comunicação, participação.

REVOLUÇÃO AMERICANA (1776-1783)

É de todo conveniente focalizar uns poucos aspectos fundamentais do movimento de independência das colônias inglesas na América, para melhor

compreender a reação dos patriotas franceses contra a presença, na França, dos partidos políticos, de origem britânica. A política colonialista inglesa, no período que precedeu à Revolução Americana, era a de dividir para governar, exigindo de cada uma das Colônias submissão à Coroa e procurando impedir associações e apoio mútuo entre elas. A reação ostensiva das colônias se iniciou e progrediu nos três Congressos de Filadélfia, de 1774, 1775 e 1776, culminando com a divulgação da declaração de independência, da lavra de Thomas Jefferson, a 4 de julho de 1776. Desde maio, quando se instalou o Terceiro Congresso, até 2 de julho, discutiu-se exaustivamente a proposição de Jefferson que, para defendê-la, arregimentou opiniões e desenvolveu atividade partidária, embora, como Bolingbroke e Montesquieu, visasse à unidade nacional que se haveria de consolidar em torno de seu partido único, segundo seus planos.

Dentre os muitos efeitos imediatos do mais importante documento da História dos Estados Unidos, há a grande divisão dos colonos em patriotas e tories; os primeiros, partidários do emprego da força e os segundos, partidários do caminho das negociações. Os dois partidos muito prejudicaram a unidade nacional.

Com a vitória da Revolução Americana e a assinatura do Tratado de Versailles, a 3 de novembro de 1783, o espírito e a semente dessa revolução se espalharam pela Europa, contribuindo fortemente para a eclosão da Revolução Francesa, pouco depois.

São dessa época pronunciamentos como os de:

1 - Saint-Simon

“Sinto que a Revolução Americana marcou o início de uma nova era na política; que essa revolução trará, necessariamente, grandes progressos para a civilização; e, que durante muito tempo produzirá, na Europa, grandes mudanças na ordem social”.

2 - Mathieu Dumas

“Cuidado, cuidado, jovem, para que o triunfo da causa neste solo virgem não influencie exageradamente as tuas esperanças; tens, em teu poder, os germes desses generosos sentimentos, mas, se tentares fecundá-los em tua terra natal, após tantos séculos de corrupção, terás de superar muito maiores obstáculos; custar-nos-á muito sangue a conquista da liberdade; terás de domar torrentes antes de implantá-las em

tua velha Europa.”

Revolução Francesa (1780-1794). Quando a Revolução Francesa, em toda sua violência, varreu a Europa, as idéias de Burke foram combatidas e os partidos políticos unanimemente condenados. Condorcet, Danton, Robespierre, Saint-Just, líderes políticos desaparecidos na voragem, em 1794, fizeram, todos eles, pronunciamentos violentos contra os partidos políticos. Em meio à notória influência do pensamento de Rousseau (1712-1778), do racionalismo e do individualismo atomista prevalentes na época, partidos e facções eram considerados pelos patriotas como uma conspiração contra a nação.

James Madison (1751-1836) antepôs a “ENGENHARIA CONSTITUCIONAL” ao inelutável fenômeno da formação de grupos políticos, fossem eles facções ou partidos, já identificados desde o século XV por Maquiavel como posição do povo e posição dos poderosos. Madison procurava mais “controlar os efeitos que eliminar as causas”. Aliás, o próprio Washington, em discurso de 1796, alertava contra o perigo dos partidos e Jefferson, adversário político de Washington, não obstante ter sido quem primeiro empregou a técnica partidária elaborada por Burke, foi quem mais se aproximou de Bolingbroke quando idealizou um partido tão poderoso que pudesse absorver todo o universo nacional, o que não aconteceu.

Benjamin Constant (1767-1836), consolidando as idéias de Madison, ponderava em 1815: “Não podemos esperar excluir as facções de uma organização política onde as vantagens da liberdade costumam ser preservadas, mas temos que trabalhar para torná-las o mais inofensivas possível”.

A ERA DA COMUNICAÇÃO DE MASSA

O fenômeno partido político foi, por fim, admitido como fato inelutável a exigir cuidados especiais para não se desenvolver desordenada e perigosamente. Ganhou, progressivamente, status de instituição política inserida em universo mais amplo; desempenhou relevante papel nos governos responsáveis, fiscalizando o desempenho dos governantes; despertou grande interesse dos governos responsivos pelo elevado poder eleitoral que detêm; assumiu o controle do poder nacional nos governos partidários; e, transcendeu à própria nação ao intervir, como partido de massa, na vida de povos alienígenas.

Tocqueville, Bryce, Ostrogorski, Michels,

Max Weber e outros acompanharam a evolução do partido político até o início do século XX. Diz-se hoje que “os partidos políticos são débeis para desempenhar função expressiva diante da moderna tecnologia da comunicação de massa e da manipulação da opinião pública”. Diz-se, também, que: “os partidos transmitem demandas reforçadas por pressões”; “os partidos políticos são instituições básicas para a tradução de preferências da massa em políticas públicas”; “o único tipo de organização que pode traduzir em fato a idéia de governo majoritário é o partido político”; “os partidos organizam a caótica vontade pública”.

Em texto especial, recomendado pela Universidade de Brasília para o estudo do tema, escreveu Fleischer: “Assim os partidos também selecionam, agregam, e finalmente desviam e distorcem estas demandas — ou, numa extensão lógica, chegam a manipular a opinião pública”. E, com o visível objetivo de atenuar a grave assertiva, acrescenta: “Os partidos fazem parte de um todo (sistema político) pluralístico, acabam sendo muito mais canais de expressão do que de manipulação”.

Ao que parece, esta última conclusão melhor ficaria no âmbito da Filosofia Política, no campo do dever ser, já que a Ciência Política se ocupa apenas do ser. Realmente, da longa experiência, da vivência de situações político-partidárias de uns e da análise dessas experiências e vivências, feita por outros, é lícito concluir que o partido político não só manipula a opinião pública através de dispendiosa comunicação de massa, financiada por grupos interessados, como também conduz o processo eleitoral usando de expedientes criminosos, como o nosso famoso “ganha na urna e perde no pano”, ou os “Watergates” de várias modalidades ou, ainda, os “nacionalismos” exacerbados a serviço de interesses alienígenas antinacionais, em voga há tão pouco tempo.

Ao fim, há que concluir que todos têm razão: Maquiavel, Bolingbroke, Voltaire, Hume, Burke, Jefferson, Washington, os patriotas, Madison, Benjamin Constant e os contemporâneos quando, unanimemente, admitem que os partidos são um mal necessário. Mas, aqui ficam uma constatação e uma indagação:

A capacidade de fazer o bem ou o mal aumenta com o desenvolvimento da tecnologia.

O mal provém dos partidos ou do próprio homem, que utiliza inescrupulosamente, ao sabor de suas ambições, todos os maravilhosos instrumentos que ele mesmo cria e com os quais se destrói?